

# 'Economia vai piorar antes de melhorar', diz Mailson na ABGR

A economia brasileira vai piorar antes de melhorar, mas não há risco de que o país enfrente uma ruptura política ou que derive para um processo semelhante ao da Argentina ou da Venezuela.

Foi o que disse ex-ministro da Fazenda Mailson da Nóbrega, no discurso de abertura do XI Seminário Internacional de Gerência de Riscos e Seguros, em São Paulo.

O evento bienal organizado pela Associação Brasileira de Gerência de Riscos (ABGR) começou nesta segunda-feira, 26/10, na sede da Amcham. Durante três dias, gestores de riscos, representantes do mercado de seguros e especialistas em diversas áreas vão discutir os [riscos mais importantes](#) enfrentados pelas empresas brasileiras.

Na abertura do seminário, Mailson expressou otimismo com relação ao futuro do Brasil, mas reconheceu que, no curto prazo, a economia ainda vai passar por maus pedaços.

"O Brasil tem tudo para se recuperar deste momento ruim", disse o ex-ministro, mas acrescentou: "A situação piora antes de melhorar".

## Já foi pior

Mailson, que fundou a consultoria Tendências, afirmou que a situação da economia brasileira, ainda que grave, não é tão negativa quanto à do final do governo José Sarney, nos anos 1980.

Ao mesmo tempo, a crise política não chega ao nível de

paralisação do governo João Goulart, no começo dos 1960, quando o presidente foi deposto por um golpe militar.

“Não há sinais de ruptura”, observou. “Não há nenhum risco de o Brasil encaminhar para uma situação semelhante à da Argentina ou da Venezuela.”

Mailson disse, no entanto, que serão necessários de três a cinco anos para consertar o que chamou de erros cometidos pelos governos do PT e possibilitar a retomada do crescimento da economia.

O país enfrenta dois anos consecutivos de recessão, o que não acontecia desde 1932. Além disso, em sua análise, a presidente Dilma Rousseff vai se dedicar no futuro próximo a sobreviver no cargo apesar da sua impopularidade, sem dar a atenção necessária às reformas de economia necessita.

“Uma presidente impopular e um governo fraco fazem com que a possibilidade de aprovar reformas seja muito reduzida”, analisou Mailson.

## **Riscos**

Na opinião de Mailson, as reformas são importantes porque a economia só vai voltar a crescer se houver uma recuperação da competitividade.

Ele também expressou preocupação com a provável perda do grau de investimento das duas agências de avaliação de crédito que ainda não rebaixaram a nota do país (Fitch e Moody's) e com a oposição de meios políticos a medidas de saneamento das contas públicas como a aprovação da nova CPMF. “Sem CPMF a situação piora muito,” ressaltou Mailson.

Ainda assim, porém, o ex-ministro vê aspectos positivos na atual situação que mostram que o país conseguiu avanços importantes nas últimas décadas. “A situação hoje é infinitamente melhor que em 1989”, disse ele.

Segundo Mailson, a economia hoje é mais sólida do que 25 anos atrás. As instituições estão mais estabelecidas, o sistema financeiro é saudável e bem regulado, e o país desenvolveu uma classe média significativa.

Estes fatores, aliados a uma democracia consolidada, uma imprensa livre e um Judiciário independente, entre outros, indicam que o país vai se recuperar de seu atual momento.

## **Crise bancária e cambial**

Mailson não vê risco nem de uma crise cambial nem de uma crise bancária, que em anos passados multiplicavam os efeitos de períodos de incerteza política e econômica como o atual.

“A probabilidade de isso acontecer agora é próxima de zero,” afirmou Mailson, lembrando que as reservas do governo continuam altas e o câmbio flutuante reduz o engessamento da economia.

Além disso, efeitos da crise, como a desvalorização do real, podem alimentar reações positivas como um aumento das exportações e um processo de substituição das importações.

E uma ampla rede proteção social, em que, segundo alguns cálculos, mais da metade da população conta com algum tipo de renda garantida pelo Estado, ajuda a mitigar os efeitos da crise.

Ele observou que a liderança de Dilma Rousseff é bastante pior que a de José Sarney no final dos anos 1980, o que eleva a gravidade dos riscos políticos. Mas o ex-ministro afirmou que não há razão para pedir o impeachment da presidente e que um processo de afastamento poderia agravar a situação como um todo.

“O impeachment da presidente Dilma não altera a crise econômica”, disse ele, ressaltando que o processo de afastamento de um presidente só deve ser usado em casos

extremos.

[Clique aqui e veja a palestra do ex-ministro.](#)